

## ESTRUTURAS EXISTENCIAIS RELACIONADAS A FENÔMENO DE MESCLA LINGÜÍSTICA

*Raimundo Enedino dos Santos\**

### 1. APRESENTAÇÃO

O presente trabalho é um recorte da tese intitulada *Garimpagem de mescla lingüística no português falado na Bahia*, defendida por este autor, em novembro de 2003, no Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística do Instituto de Letras da UFBA. Persegue-se a idéia de que é através da identidade semântica entre verbos de línguas africanas com valor semântico que se aproximavam do verbo *ter* português que foi possível tornar esse verbo o mais utilizado nas sentenças existenciais. Pois, como se verá, nas línguas africanas, a identidade é tão íntima que se faz uso de um mesmo item lexical. Acrescenta-se ainda que as sentenças com *estar* são substituídas por *ter* nos crioulos, como se pode ver no exemplo dado por Holm (1992, p. 60): "Quilai tem vos? 'como está você'". Percebe-se que se trata de construção sintática evidentemente distinta do uso em português, no que se refere à seleção de um ou outro verbo. Viotti (1999) conhece essa possibilidade, uma vez que informou que as sentenças cuja construção, em português, se faz com quatro verbos não são distintas em gaélico escocês. Viotti diz que “elas chegam a ter exatamente a mesma estrutura, com constituintes da mesma categoria, recebendo papéis temáticos idênticos” (VIOTTI, 1999, 56). Este estudo procura fundamentar-se em dados estatísticos em cujo trato utilizou-se o programa computacional VARBRUL.

### 2. A NATUREZA DA CONSTRUÇÃO EXISTENCIAL

Nas mais diversas línguas, as sentenças existenciais apresentam estruturas que em pontos convergem e em outros divergem. A maioria dos estudos tem centrado as suas pesquisas em línguas européias. Ainda assim, as estruturas registradas principalmente em línguas germânicas divergem sobremaneira das línguas românicas. O que se nota é que os pesquisadores estão ainda tentando resolver as divergências teóricas em nível intralingüístico, porque as estruturas nas mais diversas línguas apresentam as suas especificidades. Normalmente os verbos que compõem as sentenças existenciais são também utilizados em perífrases aspecto-temporais. No percurso de gramaticalização, os verbos passam para a classe de verbos funcionais. Isso quer dizer que o seu conteúdo semântico é totalmente esvaziado. Esse é um problema a ser resolvido em relação ao verbo *ter* em PB, que ainda não é totalmente vazio.

R. V. Silva (1996b) concebe as construções existenciais do ponto de vista do verbo que a constitui, da seguinte forma:

[É] o verbo que ocorre em estruturas que não selecionam sujeito, mas um sintagma nominal interpretado como complemento direto e um elemento locativo expresso por sintagma preposicional ou por um seu substituto adverbial (SILVA, R. V., 1996b, p. 186).

---

\* Universidade do Estado da Bahia - UNEB

Também em 1996, I. Ribeiro, através de embasamento teórico de cunho gerativista, sustenta que é possível classificar as construções existenciais do português arcaico como locativas, que por sua vez são subdivididas em três outros tipos: *locativas*, propriamente ditas, *existenciais* e *possessivas*. A estrutura sintática é formada por um verbo inacusativo, que contém uma *small clause* com valor semântico aspectual em sua coda, além de apresentar um quantificador existencial e um NP indefinido, que pode ser nulo em português. Apesar de não ter encontrado *ter* em construções existenciais no período arcaico, I. Ribeiro afirma que foi a aproximação semântica com *haver* que fez com que aquele verbo passasse a ser utilizado com o valor existencial, e tornasse-se um concorrente muito forte para este, no PB.

Em 1998, Franchi, Negrão e Viotti, falando sobre a natureza das construções com o verbo *ter* afirmam:

[A] extensão do conteúdo semântico das relações expressas pelo verbo *ter* favorece o uso como verbo funcional: ele é o portador da dêixis temporal e da quantificação aspectual da oração e sua força no enunciado, enquanto operador, consiste em alterar o domínio conversacional corrente, introduzindo nele uma nova entidade. Nesse sentido, as CE's<sup>1</sup> se incluíam na classe mais ampla das orações com uma estrutura apresentativa. (FRANCHI; NEGRÃO; VIOTTI, 1998).

Franchi, Negrão e Viotti (1998) defendem a idéia que traduz as construções existenciais como a representação na sintaxe de instruções de como o discurso se encontra organizado. Acrescentam que esse não é, porém, o único meio disponível na língua que possibilite a introdução de novos elementos. A diferença é que as construções existenciais podem apresentar-se na forma impessoal.

Na sua tese de doutorado, Viotti (1999, p. 7), seguindo teoria de orientação gerativista, define as especificidades das construções existenciais em português, tais como:

- (i) uma posição de sujeito vazia;
- (ii) um verbo de conteúdo semântico fraco, incapaz de estabelecer relações temáticas com seu(s) argumento(s);
- (iii) uma coda, (...) em que, em geral, se realiza uma predicação e cujo estatuto sintático é necessário tornar preciso;
- (iv) a presença bastante geral de elementos dêiticos, usualmente na coda, estabelecendo uma “ancoragem” das sentenças em um campo espaço-temporal.

Segundo Muromatsu (1997) existem dois tipos de *small clause* nas existenciais. Evidências das sentenças do japonês, cuja estrutura apresenta valor semântico diferenciado, comprovam que, dependendo da *small clause* contida na coda, a sentença terá valor *integral* ou *spatial*, já que o verbo utilizado é o mesmo para os dois tipos de sentenças: o verbo ser.

Muromatsu (1997) baseou-se em dados da literatura gerativista para afirmar que a sentença existencial tem traço de ambigüidade, já que pode ser parafraseada por sentenças que exprimem uma relação integrante (*integral*) ou espacial (*spatial*). Na relação integrante, o SN da coda existencial corresponde ao complemento direto da sentença construída com o verbo (*to*) *have* ‘ter’. De acordo com essa teoria, a sentença com *ter* expressa a relação integrante entre o total e a sua parte. Enquanto o SP locativo da construção existencial irá corresponder àquele das sentenças com o verbo copulativo.

---

<sup>1</sup> construções existenciais.

### 3. A PERSPECTIVA DIACRÔNICA

Sampaio, em 1978, constatou que no latim clássico *habere* e *tenere* eram utilizados para indicar o valor de posse de coisas materiais e “espirituais”. Segundo a autora *habere* foi usado em uma perífrase para substituir o aoristo do indo-europeu. Até após as línguas românicas se constituírem, a construção equivalente ao aoristo perdurou<sup>2</sup>. Na România o uso de uma construção perifrástica constituída por um verbo auxiliar e o particípio ora seleciona *haver* ora *ter* como auxiliar (SAMPAIO, 1978, p. 11). Outra construção em que *haver* se encontrava em situação de variação era a sentença existencial. Percebe-se, a partir dos dados da autora, que nos textos que foram escritos no período em que se sabe ter havido contato lingüístico surge o uso do verbo de posse como verbo de existência. Para ela houve coincidência entre as construções em que o verbo *habere* expressando posse se aproximou do verbo *essere*. A autora alega que a aparência entre essas construções deu-se da seguinte forma: primeiro, as construções com sujeitos animado e inanimado tinham a mesma estrutura sintática: “[D]ominus habet multum vinum. ‘[O] senhor tem muito vinho.’; Domus habet multum vinum. ‘[A] casa tem muito vinho’”. (SAMPAIO, 1978, p. 14). Depois, essa última construção passou a ser vista como equivalente ao genitivo de posse com *essere*: “[D]omi est multum vinum. ‘[E]m casa há muito vinho’”. (SAMPAIO, 1978, p. 14). Para a autora houve uma assimilação das construções pelo fato de *domus* ser entendida como locativo. A sua proposta proclama que houve uma perda de compreensão de *domus* como sujeito da oração.

No século XVI, o esvaziamento semântico de *haver*, que foi iniciado no período do latim imperial, ficou completo. Isso permitiu que o falante fizesse uso de *ter* para expressar existência. Nesse momento, não é possível estabelecer qual foi o motivo que fez o falante optar por esse último verbo, a exemplo do que houve com a expansão do Império Romano. A autora, como na explanação sobre o latim, afirma que houve uma reformulação a partir da estrutura interna da língua, mantendo-se numa perspectiva teórica proveniente dos neogramáticos. Em suas palavras:

Podemos observar que esta construção com o verbo "ter" impessoal reflete uma mudança de formulação mental. O sujeito da oração pessoal é agora visualizado como locativo e o verbo "ter" torna-se impessoal. Esta construção evidentemente surgiu por analogia à construção com o verbo "haver" impessoal. (SAMPAIO, 1978, p. 68)

Falta, também nesse momento, uma justificativa externa à estrutura da língua para que a mudança pudesse operar-se. Já que em espanhol, por exemplo, também existem os dois verbos, e essa concorrência não se observa. Se tudo fosse acontecendo como no processo da passagem do latim imperial para o romance galáico-português, nos séculos posteriores, era de se esperar que o número de ocorrências se fizesse cada vez maior, todavia a autora coleta poucos exemplos de *ter* existencial. A sua explicação pauta-se na impressão de que, no período, não só houve uma introdução de vocábulos latinos na língua, como também de construções, pois as “palavras e construções populares resultantes da evolução lingüística foram relegadas ao abandono” (SAMPAIO, 1978, p. 74). Embora esse trabalho tenha sido realizado na década de setenta, só na segunda metade dos anos 80 é que o assunto volta a ser tema de estudos por lingüistas brasileiros. A sua constatação de que as estruturas existenciais com o verbo *ter* só passaram a fazer parte da escrita no século XVI vem sendo confirmada com trabalhos mais recentes.

<sup>2</sup> Segundo Sampaio, “No português, a perífrase formada com “habere” mais particípio pode ser encontrada no português arcaico em seus dois estágios: equivalente ao aoristo indo-europeu e transformada em passado” (1978, p. 9).

Seguindo de perto o que relata Sampaio (1978), um trabalho mais recente feito por Viotti (1999) sustenta que o verbo *habere*, em latim, era estativo e abrangia campo semântico diverso. Tinha valor de *habitar, estar, possuir*. Depois que passou a fazer parte de construção perifrástica aspectual de aoristo com noção de posse, ele tornou-se verbo auxiliar e perdeu o seu conteúdo semântico de posse. No latim “pós-clássico”, *habere* passa a apresentar-se com sujeito inanimado, e incorpora o sentido de *conter*. Nessa época, passou a concorrer com *essere* nas construções existenciais. Viotti afirma que o verbo *tenere* seguiu de perto os passos de *habere*, em um momento histórico posterior (cf. VIOTTI, 1999, p. 60).

Do que foi exposto, ficou muito bem definido que, em português, as construções existenciais eram realizadas apenas com o verbo *haver*. Só a partir do século XVI, *ter* passou a ser seu concorrente. No período arcaico, nas construções existenciais utilizavam-se os verbos *seer* e *haver*, segundo R. V. Silva (1994, p. 72). Em relação à coda da sentença, esta última autora informa que “Freqüentemente *haver* existencial vem seguido do pronominal locativo *hi ~ i ~ y* (‘ai’)” (1994, p. 73). R. V. Silva informa que nesse período o verbo existir não havia sido registrado ainda, nos séculos XIV e XV. Ainda a respeito do verbo *ser*, R. V. Silva (2000, p. 119) afirma que ele era o verbo existencial etimológico proveniente do latim. De acordo com essa informação, é possível inferir que se tratava de conservadorismo na escrita o seu uso durante o século XVI.

Sugere-se aqui, *en passant*, que esse foi um momento de alguma alteração das estruturas sociais portuguesas. Sugere-se também que, uma vez que no século XV houve introdução de um número muito expressivo de escravos africanos em Portugal, seria interessante averiguar, em pesquisas futuras, se houve algum impacto social com a presença de africanos em território português. Em relação ao século XV, Bonvini garante que

Pendant cette période, un nombre grandissant d’africains avaient appris le portugais. Bientôt, à Lisbonne – où on comptait plus de 10000 esclaves Noirs à l’époque –, leur manière particulière de s’exprimer en portugais allait être désignée comme «a língua de pretos» (BONVINI, 1996, p. 6)<sup>3</sup>.

Acrescenta-se a isso, o fato de os portugueses estarem em contato permanente com a África e a América. Da possível reestruturação do português por falantes de origem africana em Portugal e da presença da língua portuguesa na África, é possível cogitar a hipótese de que foi o contato lingüístico que motivou o surgimento do *ter* existencial em território europeu. As conseqüências lingüísticas desse evento estão ainda por estudar. Não se trata de africanizar todos os fenômenos estranhos às origens da língua portuguesa. No entanto, é importante frisar que a alteração sofrida nas construções existenciais de *essere* para *habere* deu-se em contexto de contato lingüístico na România. Portanto, não é de se admirar que o contato de africanos com portugueses, no século XV, tenha acarretado efeitos para a reanálise da língua, em território europeu. Entretanto, o meio social não favoreceu o crescimento da variável com *ter*, haja vista a baixa freqüência dos dados com *ter* em Portugal.

#### 4. O QUE ESTÁ EM COMPARAÇÃO

Com exceção às famílias Khoisan e malaio-polinésia, foram aportados, no Brasil, cativos de todos as três superfamílias lingüísticas africanas – por exemplo, quicongo,

<sup>3</sup> Durante esse período, um número grandioso de africanos aprendeu português. Logo, em Lisboa – onde se computava mais de dez mil escravos negros na época –, sua maneira particular de se exprimir em português foi designada como «a língua de preto».

quimbundo – subgrupo bântu –, iorubá – subgrupo defóide – (níger-congo), haussá (afroasiática) e canuri (nilo-saariana). Certamente, aqueles provenientes da superfamília níger-congo foram muito mais numerosos. Pode-se dizer que os povos falantes de línguas bântu estiveram em maior contingência durante todo o período do tráfico no Brasil. Esse dado explica o fato de haver um número muito grande de empréstimos às línguas do subgrupo bântu. Devido ao comércio de tabaco de terceira categoria, a Bahia recebeu, segundo Verger (1968/1987), uma progressiva leva de escravos da região da Costa da Mina, nos últimos séculos do tráfico, que equivale dizer povos de línguas do tipo kwa (gege) e do tipo defóide (nagô).

Partindo do princípio de que o adquirente adulto transfere os parâmetros lingüísticos de sua língua materna para os novos sistemas a serem adquiridos, este trabalho pressupõe que, no período colonial, com as pessoas de origem africana isso não pôde ser diferente. Por essa razão, apresentam-se dois modelos de verbos utilizados nas estruturas existenciais em iorubá e quimbundo.

As construções existenciais em iorubá apresentam um verbo com função específica. Alguns estudiosos, como Rowlands (1969)<sup>4</sup>, expõem que se trata de um dos verbos “ser” existentes na língua. De fato algumas sentenças com o verbo existencial *wà* podem ser vertidas para outras línguas como se fosse *ser*, a exemplo da frase “**Olórun wà!**” ‘Deus existe’, (ROWLANDS, 1969, p. 154). O que se pode concluir inicialmente é que, no que diz respeito à estratégia de construções existenciais, a língua iorubá está mais próxima do latim e do português antigo. Nada impede, porém, que se cogite a hipótese de ter havido uma analogia com outros verbos *ser* do iorubá.

Os outros verbos traduzidos como *ser* em iorubá são *jê*, «e, rí, yà, dà, ni e kô. Dentre esses, o verbo *ni* apresenta uma polissemia muito ampla. Para Rowlands (1969), ele significa *ser e possuir*. A alteração de tom para MI faz com que o sentido seja alterado para *ter, dizer e*, além disso, a preposição *em*. Fonseca Júnior (1993) atribui ao seu tom alto o valor de *haver*. Esta última posição discorda da de Rowlands quanto a outros sentidos do verbo com tom alto. Para ele *ni* tem, além do significado já mencionado, os sentidos de *ocupar, obter, possuir, pegar, carregar*. Dessa forma, os falantes do iorubá (nagô) podem tê-lo assimilado às construções com *ter*, em português, e feito com que tais estruturas tenham alcançado a freqüência alta como se apresenta no PB atual. Entretanto não se pode dizer que é fundamental que tenha havido uma associação entre uma estrutura existencial em iorubá e o português dos princípios da formação do Brasil, para que haja a preferência por construções existenciais com *ter*. Sugere-se apenas que há caminhos que possam indicar uma razão fora das estruturas lingüísticas para que, na atualidade, no PB os falantes estejam fazendo escolhas que não fazem parte das preferências dos portugueses.

Neste trabalho, não há uma defesa de que um grupo étnico tenha sido mais importante do que outro para que todas as alterações detectáveis em português sejam estritamente relacionadas a esse determinado grupo. Os africanos eram trazidos às levas para o Novo Mundo, e aqui se misturavam, em razão da sobrevivência ou por opção de seus proprietários. No primeiro caso, encontram-se os africanos dos cantos<sup>5</sup>, já no segundo, os escravos das zonas rurais. É possível que com a migração para os centros urbanos, tenha havido uma confluência de traços lingüísticos que faziam parte da estrutura da língua portuguesa e que tenham tomado um salto muito grande pela aparência com estruturas nas línguas africanas. E isso pode ter acontecido ainda que as estruturas lingüísticas africanas tenham leves diferenças

<sup>4</sup> “*wà* and *ñbê* are basically dialectal variants both meaning ‘to exist, be in a situation or state’; *wà* is in more general use in S.Y. but *ñbê* is occasionally used for the sake of variety (...) *Olórun wà/ñbê* (...) *Ó wà ninú ápótí*, it is in the box” (Rowlands, 1969, p. 154)

<sup>5</sup> Organizações de africanos e seus descendentes que atendiam às necessidades de transportes de objetos e pessoas na cidade de Salvador.

em relação às da língua portuguesa, como é o caso das sentenças existenciais. O que se supõe é que o sentido das estruturas é que fez com que a rota da variação das sentenças existências tenha tomado o verbo *ter* como preferência.

Podem-se encontrar exemplos de outras línguas africanas em que o verbo existencial exprime posse e serve como cópula. É o caso das línguas bântu, em que também há uma conjunção entre as expressões de posse, essência e existência. Em quimbundo, outra das línguas africanas mais faladas no Brasil colonial, as construções existenciais são feitas com o verbo **ku-ete**, que pode ser traduzido como *ser*, *estar* ou *existir*. Esse mesmo verbo, quando acrescido da partícula **la** (Maia, 1964, p. 69-70), passa a significar *ter*. Nessa mesma língua, o verbo **kala** abrange o sentido de *ser*, *estar* e *ter* (Maia, 1964, p. 159).

## 5. OS CORPORA UTILIZADOS

Foram escolhidos 16 informantes para compor o *corpus* referente Português Afro-Baiano (PAB), na capital. Os inquéritos são do tipo DID – diálogo entre informante e documentador.

FAIXA ETÁRIA	MASCULINO	FEMININO
1 – de 17 a 25 anos	IFH113 – 17 anos IFH121 – 24 anos	IFM111 – 18 anos DFM105 – 19 anos
2 – de 26 a 34 anos	IFH223 – 26 anos IFH227 – 27 anos	IFM202 – 28 anos IFM241 – 30 anos
3 – de 35 a 49 anos	IFH312 – 38 anos IFH325 – 37 anos	IFM320 – 40 anos IFM326 – 40 anos
4 – a partir de 50 anos	DFH409 – 71 anos IVH416 – 50 anos	IFM401 – 63 anos IFM422 – 60 anos

Figura 1: Informantes PAB - Salvador

Acrescentaram-se aos dados da cidade de Salvador dados de informantes do Recôncavo e do Sul da Bahia. No primeiro caso, os informantes são nascidos em Cachoeira, à exceção do informante RFH308, que nasceu em Lagoa Encantada (BA). Já os informantes do Sul nasceram em cidades do Extremo Sul da Bahia e, em muitos casos, vivem na zona rural dos municípios pertencentes à área da antiga capitania de Porto Seguro, mais especificamente em Eunápolis, Ibiruçu, Itabela, Itagimirim, Itapebi, Monte Pascoal, Porto Seguro e Teixeira de Freitas.

FAIXA ETÁRIA	MASCULINO	FEMININO
1 – de 17 a 25 anos	RFH101 – 19 anos RFH106 – 19 anos	ERM1001- 25 anos ERM1002- 22 anos
2 – de 26 a 34 anos	RFH202 – 28 anos RFH207 – 28 anos	RFM202 – 26 anos RFM203 – 29 anos
3 – de 35 a 49 anos	RFH308 – 45 anos RFH309 – 38 anos	ERM3003 – 38 anos ERM3008– 35 anos
4 – a partir de 50 anos	ERH4001 – 76 anos ERH4002 – 86 anos	ERM4004 – 51 anos ERM4005 – 50 anos

Figura 2: Informantes PAB - Interior

Dos inquéritos que compõem o banco de dados do Projeto NURC – Norma Lingüística Urbana Culta no Brasil, o recorte é composto por inquéritos do tipo DID, com

duração de quarenta minutos, gravados nas décadas de setenta e noventa. Retiraram-se 12 inquéritos, seis deles estão publicados e foram recolhidos nos anos setenta, os outros seis são inéditos e foram gravados nos anos noventa. O recorte obedeceu à tendência de que a mulher é mais conservadora do que homem, por essa razão quatro inquéritos masculinos fazem parte dos dados da década de setenta e, obviamente, apenas dois da década de noventa. Em oposição a isso, como é de se esperar quatro inquéritos de mulheres são dos anos noventa e apenas dois estão publicados e são dos anos setenta. As faixas etárias obedecem ao que ficou estabelecido pelo projeto NURC. Assim, a comparação com a primeira faixa do PAB torna-se inviável. Evidentemente, seria quase impossível reunir pessoas que tivessem concluído o curso superior com no máximo 24 anos.

FAIXA ETÁRIA	MASCULINO	FEMININO
1 – de 25 a 35 anos	N7H2167 – 31 anos N9H2027 – 25 anos	N9M2013 – 35 anos N9M2001N – 28 anos
2 – de 36 a 55 anos	N7H3118 – 45 anos N7H3239 – 44 anos	N7M3089 – 44 anos N9M3008 – 36 anos
3 – a partir de 56 anos	N7H4109 – 61 anos N9H4112 – 57 anos	N7M4452 – 60 anos N9M4408 – 73 anos

Figura 3: Informantes cultos - NURC

Para se estabelecer uma comparação entre os dados do português brasileiro falado na Bahia com a fala do Português Europeu (PE), buscaram-se junto a uma amostra de português oral europeu dados de diversos informantes. Trata-se do *corpus* do Português Fundamental. Gravado na década de setenta com o propósito de se colherem informações a respeito do léxico da língua portuguesa. Em relação ao número, os dados referentes às sentenças existenciais só foram localizados em 115 inquéritos. Vale lembrar que os dados das entrevistas do Português Fundamental são trechos, por essa razão não é possível localizar nos mesmos inquéritos informações extralingüísticas paritárias, como é o que se planeja neste trabalho. Por conta desse detalhe, exhibe-se um novo quadro com a distribuição de informantes entre e gênero e faixa etária.

FAIXA ETÁRIA	MASCULINO	FEMININO
1 – de 17 a 25 anos	08	13
2 – de 26 a 34 anos	15	09
3 – de 35 a 49 anos	31	12
4 – a partir de 50 anos	09	13
TOTAL	63	52

Figura 4: Número de informantes do PE – P. FUNDAMENTAL

## 6. RESULTADOS ALCANÇADOS

A partir de agora, far-se-á uma exposição dos dados que foram processados pelo VARBRUL. Na medida do possível, traçando paralelo entre os dados dos três *corpora*. A primeira informação importante é a frequência dos dados entre os três *corpora*. No PAB, houve 93% de dados com *ter* e 7% com *haver*, no NURC os valores são 72% para *ter* e 28% para *haver*, já no Português Fundamental, os valores são revertidos, enquanto *haver* fica com 89%, *ter* retém apenas 11%. Já aí se percebe uma diferença entre os dados do PE e do PB (cf. figura 5). Assim, fica garantido que o uso de *ter* existencial é uma realidade européia, apenas difere da americana pelo baixo índice de frequência. Portanto, não foi o Brasil que inventou

uma nova forma de expressar existência. O que se nota é que aqui a preferência recaiu sobre a variante sem prestígio da língua. Salienta-se que nos dados retirados dos inquéritos rurais só foram encontradas sentenças existenciais com *ter*.

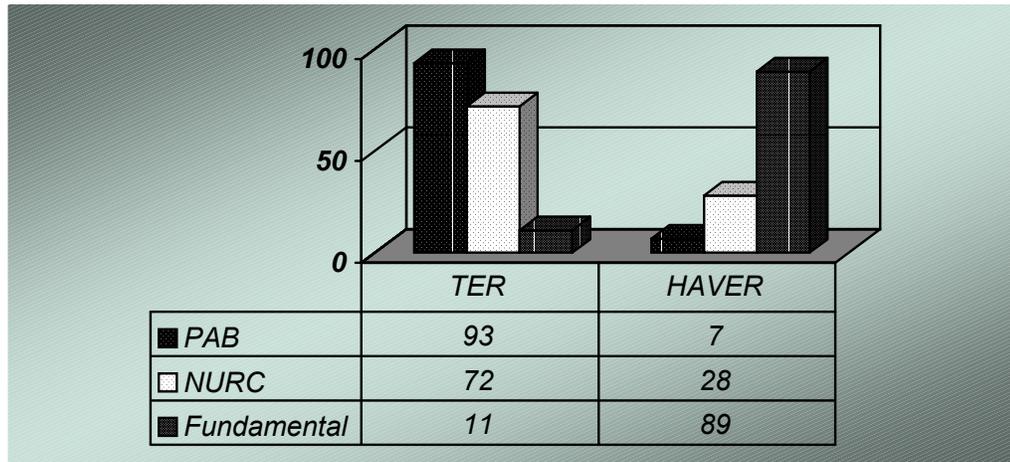


Figura 5 – Frequência das variantes *ter/haver* nos diversos *corpora*

Passa-se então aos dados variáveis dos processamentos. Notou-se que dos grupos de fatores selecionados, o único *corpus* que teve o grupo de fatores *Modo verbal* incluído na seleção do VARBRUL foi o NURC. Nele, o que se observa é que o uso do subjuntivo inibe a seleção de *ter* nas sentenças existenciais, pois o seu percentual é de 38%, e o valor da probabilidade é muito baixo, ficou em .14, enquanto o indicativo apresenta um peso relativo de .52.

O processamento do NURC também selecionou o grupo de fatores Animacidade do complemento, desta vez teve a companhia do processamento do Português Fundamental, nessa opção. Pelos dados do NURC, o falante opta, em 90% dos casos, em usar o verbo *ter* se o complemento do verbo tiver o traço [+ animado]. A probabilidade auferida é de .73.

O falante do PE não prefere usar o verbo *ter* nem num caso, nem no outro, de acordo com os valores percentuais, 5% para [+ animado] e 12% para [- animado]. Entretanto a probabilidade aponta para uma escolha de valor .56 em favor de inanimado, se o falante for usar um complemento com *ter*. Essa projeção não fica muito acima do que ocorre no *corpus* do NURC. Ali, os dados apontam para .46 se o complemento for inanimado

O processamento selecionou o grupo de fatores *Natureza do objeto* como significativo para os dados do PAB, ocorrendo o mesmo no processamento do NURC. No *corpus* do PAB, houve uma seleção majoritária tanto para a natureza concreta (97%), quanto para a abstrata (83%), entretanto a probabilidade de .64 para o complemento concreto aponta para uma preferência por *ter*, enquanto com complemento abstrato o falante o aciona com probabilidade apenas de .18. Nos dados do NURC existe uma leve vantagem para *ter*, no que diz respeito ao complemento concreto, .53, já o complemento de natureza abstrata apresenta um peso relativo de .42. Como se pode notar, a concorrência entre as duas variantes lingüísticas ainda não tomou uma solução no que diz respeito a esse aspecto semântico, nos dados referentes ao NURC.

O próximo grupo de fatores, escolaridade, só foi controlado para os dados do PAB e do Português Fundamental, uma vez que no NURC todos tinham o mesmo nível de instrução. Assim os dados aqui se referem àqueles *corpora*.

Tabela 1: Escolaridade – PAB

FATORES	NÃO-PADRÃO (T)		
	freqüência	%	PROB.
(A) analfabeto	69/70	99	.99
(X) fundamental completo	428/453	94	.82
(Y) médio incompleto	142/150	95	.22
(S) médio completo	290/324	90	.08
TOTAL GERAL	929/997	93	

Em todos os níveis de escolarização, existe um percentual acima de 90% (cf. Tabela 1), entretanto a probabilidade aponta para o fato de que quanto maior for a escolarização do informante do contexto afro-baiano, maior será a sua rejeição por *ter*. Ao contrário, aquele que tiver o menor nível de escolarização tem probabilidade que aponta para uma preferência pela estrutura existencial com *ter*. Talvez fique agora explicada a razão por que os dados do Sul da Bahia não apresentaram variação. Os resultados apontam para a importância fundamental da escola na manutenção da variante de prestígio.

Já os dados do português fundamental (PE) para escolaridade, segundo a Tabela 2, apontam uma variação em todos os níveis de escolaridade. A ponto de quem tem o primeiro ciclo liceal ter uma preferência por *ter* maior do que a pessoa analfabeta. Existe uma variação bastante irregular nos dados do Português Fundamental, que a amostra estudada não permitiu desvendar.

Tabela 2: Escolaridade – P. FUNDAMENTAL

FATORES	NÃO-PADRÃO (T)		
	freqüência	%	PROB.
(0) analfabeto	3/24	13	.50
(1) primário	9/79	11	.54
(2) primeiro ciclo	17/67	25	.76
(3) segundo ciclo	3/83	4	.29
(4) terceiro ciclo	12/114	11	.66
(5) freqüência universitária	1/25	4	.38
(6) curso superior	5/84	6	.27
TOTAL GERAL	50/476	11	

O próximo grupo tem sua especificidade para cada *corpus*. Isso significa que o controle feito com o rótulo de localidade de onde se extraíram os dados pertence apenas ao *corpus* do PAB, já no Português Fundamental será visto o local para onde o informante foi no período de afastamento de Portugal. Fala-se primeiro sobre os dados do PAB.

Tabela 3: Localidade da gravação – PAB

FATORES	NÃO-PADRÃO (T)		
	freqüência	%	PROB.
(B) Salvador	459/516	89	.51
(C) Cachoeira	337/348	97	.49
TOTAL GERAL	796/864	92	

Em termos percentuais, a Tabela 3 aponta uma vantagem para Cachoeira na escolha do verbo *ter*, por outro lado, a probabilidade oferece uma vantagem de apenas dois pontos para Salvador. O que quer dizer que não importa o local da gravação, para o falante do contexto afro-baiano, existe em torno de .5 de probabilidade de escolher a variante desprestigiada.

Tabela 4: Residência fora de Portugal – P. FUNDAMENTAL

FATORES	NÃO-PADRÃO (T)		
	freqüência	%	PROB.
(B) no Brasil	1/3	33	.38
(E) no Estrangeiro	5/36	14	.87
(L) sem residência fora	44/425	10	.46
TOTAL GERAL	50/476	11	

Agora, trata-se dos dados referentes à residência fora de Portugal por mais de dois anos, os quais revelam que se a pessoa morou em um país de língua estrangeira, a probabilidade fica em .87, se nunca saiu de Portugal o valor cai para .46, e desce um tanto mais para .38 se já viveu no Brasil. Isso significa dizer que o Brasil não tem participação na difusão da variante não padrão em Portugal, nos anos setenta.

O grupo de fatores *Faixa etária*, de natureza extralingüística, foi selecionado para todos os *corpora* em estudo. No PAB, os percentuais são bastante elevados em todas as faixas etárias (cf. Tabela 5). Entretanto a probabilidade aponta para um abandono de *ter* pelo grupo mais velho, com um valor de .02; na faixa três, o valor se eleva para .53; há um ganho substancial na faixa dois .85, enquanto se verifica uma queda na primeira faixa .63.

Tabela 5: Faixa etária – PAB

FATORES	NÃO-PADRÃO (T)		
	freqüência	%	PROB.
(1) de 15 a 25 anos	228/235	97	.63
(2) de 26 a 34 anos	366/382	96	.85
(3) de 35 a 49 anos	164/183	90	.53
(4) a partir de 50 anos	178/204	87	.02
TOTAL GERAL	936/1004	93	

Também nos dados do NURC a faixa etária mais elevada tem uma rejeição pelo uso de *ter*. É o que mostra a Tabela 6. Entretanto a probabilidade fica bem mais alta do que a da faixa equivalente no PAB. O valor da probabilidade no NURC é de .29.

Tabela 6: Faixa etária – NURC

FATORES	NÃO-PADRÃO (T)		
	freqüência	%	PROB.
(1) de 25 a 35 anos	115/140	82	.64
(2) de 36 a 55 anos	62/86	72	.49
(3) a partir de 56 anos	46/82	56	.29
TOTAL GERAL	223/308	72	

A segunda faixa etária do NURC tem probabilidade de .49 e a primeira de .64. O que se pode notar pelos dados é que o verbo *ter* está tendo uma preferência muito rápida nas faixas mais jovens.

## 7. PALAVRAS FINAIS

Nos ambientes em que a língua portuguesa foi adquirida como língua de contato, o verbo *ter* sofre uma aceleração radical na disputa das estruturas existenciais com o verbo *haver*, uma vez que é mais produtivo na língua do que este e possui traços semânticos semelhantes a verbos em línguas africanas, que têm os mesmos empregos. No Brasil, a língua falada na zona rural perde quase por completo o uso de *haver*, acusando uma reconstrução do português no ambiente de colônia. Em contexto afro-baiano urbano, há um uso majoritário das sentenças existenciais com *ter*. Apenas a faixa etária mais velha é que tem probabilidade de não usá-lo, todas as outras o preferem. A escolarização mostrou-se importante para essa escolha. Em se tratando de analfabeto, a opção por *ter* tem uma probabilidade elevada a .99. Enquanto quem possui ensino médio completo apresenta probabilidade próxima de zero, i. e., .08.

A pressão das camadas sociais inferiores parece estar tendo algum efeito no PB culto baiano. Segundo os dados de probabilidade para o corpus do NURC, existe uma tendência a selecionar-se o verbo *ter* nas faixas etárias mais jovens. Como a década de recolha não teve importância para o processamento, é interessante notar como existe uma curva de mudança lingüística nesse extrato social, como se pode ver na Figura 6.

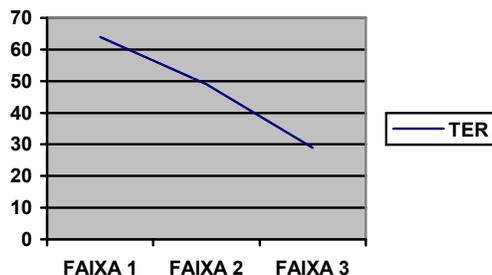


Figura 6: Faixa etária - NURC

A única regularidade encontrada nos dados do PE refere-se à idade, a faixa etária 2, que abriga pessoas de 26 a 34 anos, aponta uma rejeição muito grande pelo verbo *ter* e isso começa a despontar na primeira faixa de idade. Já os falantes das faixas mais maduras não têm o mesmo comportamento, a partir dos 35 anos volta a ter uma probabilidade alta em utilizar existenciais com *ter*. A explicação para esse fato talvez esteja ligada ao mercado de

trabalho, mas sem uma investigação da realidade social dos anos setenta em Portugal, fica difícil atribuir-lhe um motivo plausível. De qualquer sorte, parece haver uma estabilidade de uso da variante. Pode-se afirmar que existe em Portugal o uso em variação das sentenças existenciais. Entretanto a frequência da escolha pela variante não-padrão é bastante insignificante, se comparada aos dados do português falado em contexto afro-brasileiro. A diferença fundamental entre o uso de *ter* existencial na Europa e na Bahia se dá pelo fato de que, na Europa, os dados não apontam para uma perspectiva de mudança lingüística. No corpus do NURC, os falantes mais jovens tendem a utilizar mais a variante estigmatizada, em uma atitude característica de mudança lingüística. Quanto ao PAB, os dados revelam que a variante de prestígio tem-se tornado mais aceita pelas pessoas com mais anos de escolarização. Isso prova que é através da aprendizagem formal que essa variante atinge o falante da variedade estigmatizada. Daí a razão por que nos dados rurais ainda não se registram ocorrências com *haver*.

Conclui-se também que, a exemplo das sentenças existenciais, através de funções sintáticas coincidentes entre a língua portuguesa e as línguas africanas, foi possível aos falantes africanos estabelecerem analogias com as estruturas de suas próprias línguas. Assim, os dados que coincidiam com os das suas línguas, mesmo os considerados sem prestígio na língua meta, possibilitaram-lhes a apropriação da língua dos dominadores.

## REFERÊNCIAS

- BAXTER, Alan N. A contribuição das comunidades afro-brasileiras isoladas para o debate sobre a crioulação prévia: um exemplo do estado da Bahia. In Ernesto d'ANDRADE; Alain Kihm (Org.) **Actas do colóquio sobre “Crioulos de base lexical portuguesa”**. Lisboa: Colibri, 1992, p. 7-35.
- BAXTER, Alan N. Transmissão Geracional Irregular na História do Português Brasileiro: divergências nas vertentes afro-brasileiras. **Revista Internacional de Língua Portuguesa**, 14 (n. especial), p. 72-90, 1995.
- BICKERTON, Derek. The language bioprogram hypothesis. **Behavioral and Brain Sciences**, 7, p. 173-221. 1984.
- BONVINI, Emilio. **Repères pour une histoire des connaissances linguistiques des langues africaines I. Du XVIe au XVIIIe siècle: dans le sillage des explorations**. Digitado, 1996.
- BONVINI, Emilio. **Curso: Línguas e lingüística africanas hoje**. UFSC. Florianópolis. XIV Instituto Lingüístico da ABRALIN. 22-26 fev. 1999.
- BONVINI, Emilio; PETTER, Margarida Maria Taddoni. Portugais du Brésil et langues africaines. **Langages**, Paris, n. 130, p. 68-83, jun. 1998.

- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Ter/haver no português do Brasil: mudança lingüística e ensino. In: **Atas do Simpósio sobre a Diversidade Lingüística do Brasil**. Salvador: UFBA, Instituto de Letras, 1986, p. 223-6.
- CARIONI, Lilia. Aquisição de segunda língua: a teoria de Krashen. In: BOHN, H.; VANDRESEN, P. (Org.). **Tópicos de lingüística aplicada: o ensino de línguas estrangeiras**. Florianópolis: UFSC, 1988, p. 50-74.
- CASTRO, Yeda Pessoa de. A presença cultural negro-africana no Brasil: mito e realidade. **Ensaio/Pesquisas**, Salvador, n. 10 p. 1-10, jul.1981.
- CASTRO, Yeda Pessoa de. A herança banto e suas recriações. In: DÖPKE, Wolfgang (Org.). **Crises e Reconstruções: Estudos afro-brasileiros, africanos e asiáticos**. Brasília: ALADAAB, 1998, p. 40-6.
- CHAMBERS, F. K. **Sociolinguistic theory: linguistic variation and its social significance**. Oxford: Blackwell, 1995. (Language in society).
- COUTO, Hildo Honório do. Um cenário para a criouliização sem pidginização. **Revista de estudos da linguagem**, v. 1. Belo Horizonte, n. 1, jul./dez. 1992b.
- CUNHA, Celso. Conservação e inovação do português do Brasil. **O eixo e a roda**. Belo Horizonte, v. 5, p. 199-230, nov. 1986.
- FERREIRA, Carlota. Remanescente de um falar crioulo brasileiro: Helvécia-Bahia. In: FERREIRA, Carlota *et alii*: **Diversidade do português do Brasil: Estudos de dialectologia rural e outros**. 2. ed. Salvador: CED, 1994, p. 21-32.
- FONSECA JR., Eduardo. **Dicionário Yorubá-Português**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.
- FRANCHI, Carlos; NEGRÃO, Esmeralda Vailati; VIOTTI, Evani. Sobre a Gramática das Orações Impessoais com Ter/Haver. **D.E.L.T.A..** [online]. 1998, vol.14, no.esp. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-44501998000300009&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501998000300009&lng=pt&nrm=iso)>. Acessado em: 04 maio 2003.
- GONÇALVES, Perpétua. Papel da interferência semântica na mudança lingüística. In: d'ANDRADE, Ernesto; KIHM, Alain (Org.) **Actas do colóquio sobre “Crioulos de base lexical portuguesa”**. Lisboa: Colibri, 1992, p. 73-80.
- GREENBERG, Joseph H. **Studies in African linguistic classification**. New Haven, Conn.: Compass, 1955.
- GREENBERG, Joseph H. The languages of Africa. (Indiana University Research Center in Anthropology, Folklore and Linguistics, Publication 25; **International Journal of America Linguistics**, 29:1, parte 2) Bloomington, 1963a.
- GUY, Gregory R. On the nature and origins of Popular Brazilian Portuguese. **Estudios sobre el Español de América y Lingüística Afroamericana**. Bogotá: Instituto Caro e Cuervo. 1989.
- HEINE, Bernd. **A Typology of African Languages**. Berlin: Dietrich Reimer, 1976.
- HEINE, Bernd. African Languages. In: BRIGHT, William. **International Encyclopedia of Linguistics**. New York/Londres: Oxford University Press. 1992, p. 31-35.
- HOLM, John. Popular Brazilian Portuguese: a semi-creole. In: d'ANDRADE, Ernesto; KIHM, Alain (Org.) **Actas do colóquio sobre “Crioulos de base lexical portuguesa”**. Lisboa: Colibri, 1992, p. 37-66.
- HOUAISS, Antônio. **O português no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: UNIBRADE/UNESCO, 1988.
- KATO, Mary Aizawa. Questões atuais da aquisição de L1, na perspectiva da teoria de princípios e parâmetros. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, Campinas (SP), Campinas, n. 36, p. 11-16, jan/jun. 1999.
- KATO, Mary Aizawa. The reanalysis of unaccusative constructions as existentials. In **Brazilian Portuguese**. Campinas: UNICAMP. Digitado, 200-b.

- LABOV, William. **Modelos Sociolinguísticos**. Trad. José Miguel Marinas Herreras. Madrid: Cátedra, 1983.
- LABOV, William. **Principles of Linguistic Change**. Cambridge: Blackwell, 1994. V. I (Internal Factors).
- LADO, Robert. **Introdução à lingüística aplicada**. Trad. Vicente Pereira de Souza. Petrópolis: Vozes, 1957 (1971).
- LIGHTFOOT, David. **The development of language: acquisition, change, and evolution**. Malden:Blackwell, 1999.
- LOPES, Ruth E. Vasconcellos. Aquisição da linguagem: novas perspectivas a partir do programa minimalista. **DELTA**. [online]. 2001, vol.17, no.2, p.245-281. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-44502001000200004&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502001000200004&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 20 Abr. 2003.
- LUCCHESI, Dante. O conceito de transmissão lingüística irregular e o processo de formação do português do Brasil. Digitado, 200-.
- MAIA, António da Silva. **Lições de gramática de Quimbundo: Dialecto Omumbuim**. 2. ed. Cucujães: Ed. do Autor, 1964.
- MEGENNEY, Willian W. **A Bahian Heritage: An ethnolinguistic study of African influences on Bahian Portuguese**. Valencia: University of North Carolina Press, 1978.
- MENDONÇA, Renato. **A influência africana no português do Brasil**. Rio de Janeiro: Sauer, 1933.
- MUROMATSU, Keiko. Two kinds of existentials: evidence from Japanese. **Lingua**, 101, 245-69, 1997.
- MUSSA, Alberto Baeta Neves. **O papel das línguas africanas na história do português do Brasil**. 1991. 258 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Departamento de Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- NARO, Anthony; SCHERRE, Maria Marta P. Sobre as Origens do Português Popular do Brasil. **D.E.L.T.A.**,v. 9 (especial), p. 437-54, 1993.
- NARO, Anthony e SCHERRE, Maria Marta P. O conceito de transmissão lingüística irregular e as origens estruturais do português brasileiro: um tema em debate. (digitado). 200-
- NOGUEIRA, Rodrigo de Sá. **Não virão de um mesmo tronco as línguas bantas e as indo-européias?** Lisboa: Instituto de Línguas Africanas e Orientais, 1955.
- PULLEYBLANK, Douglas. Yoruba. In: Bernard Comrie. (ed.) *The World's major languages* – London: Croom Helm. p. 971-990. 1996/1987. Apud: AMEKA, Felix (Org.) *West African Languages: An Areal, Typological and Cultural Overview*. Reading Brick. Canberra.
- RAYMUNDO, Jacques. **O elemento afro-negro na língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Renascença, 1933.
- REIS, João José. A greve negra de 1857 na Bahia. In **Revista USP**, n. 18, p. 7-29, jun-jul-ago. 1993.
- RIBEIRO, Ilza. A formação dos tempos compostos: a evolução histórica das formas ter, haver e ser. In: Ian ROBERTS e Mary KATO (Org.) **Português brasileiro: uma viagem diacrônica**. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996, p. 343-86.
- ROBERTS, Ian. Creoles, markedness and the Language Bioprogram Hypothesis. **Estudos Lingüísticos e Literários**, Salvador, n. 19. P. 11-24, 1997.
- RODRIGUES, Nina. **Os africanos no Brasil**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nacional, 1945.
- ROWLANDS, E. C. **Teach Your Self: Yoruba**. Londres: English Universities Press, 1969.
- SAMPAIO, Maria Lúcia Pinheiro. **Estudo diacrônico dos verbos ter e haver: duas formas em concorrência**. Assis (SP): Nigro, 1978.

- SCLIAR-CABRAL, Leonor. Semelhanças e diferenças a aquisição das primeiras línguas e a aprendizagem sistemática das segundas línguas. In: BOHN, H.; VANDRESEN, P. (Org.). **Tópicos de lingüística aplicada: o ensino de línguas estrangeiras**. Florianópolis: UFSC, 1988, p. 40-9.
- SILVA NETO, Serafim da. **História da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1970.
- SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. A variação ‘haver’/‘ter’. In Rosa Virgínia Mattos e SILVA (Org.). **A Carta de Caminha: testemunho lingüístico de 1500**. Salvador: EDUFBA, 1996, p. 181-93.
- SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. Observações sobre a variação no uso dos verbos ser, estar, haver, ter no galego-português ducentista. **Estudos Lingüísticos e Literários**, Salvador, n. 19, p. 253-85, mar. 1997.
- SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. Nos limites do período arcaico: a vitória de ter “verbo de posse” e auxiliar de tempo composto e a sua emergência como “verbo existencial”. **Revista do GELNE**, v. 2, n. 1, p. 117- 21, 2000.
- SILVA-CORVALÁN, C. Lenguas en contacto. In: **Sociolingüística: teoria y análisis**. Madrid. Allambra. cap. 5. 1989. p.. 170-192.
- SOUZA, Iracema Luiza de. **La langue parlée à Salvador**. La diversité linguistique et la construction du sens au sein de la réalité afro-bahianaise. 1996. Tese (doutorado em Lingüística) - Université Paris VIII, Paris.
- TARALLO, Fernando e ALKMIN, Tania. **Falares Crioulos, Línguas em Contato**. São Paulo: Ática, 1987.
- THOMASON, Sarah Grey; KAUFMAN, Terrence. **Language Contact, Creolization and Genetic Linguistics**. Berkeley: University of California Press, 1988.
- VERGER, Pierre. **Fluxo e Refluxo do Tráfico de Escravos Entre o Golfo do Benin e a Bahia de Todos os Santos**. Trad. Tasso Gadzanis. 3. ed.. São Paulo: Corrupio, 1968 (1987)
- VIOTTI, Evani de Carvalho. **A sintaxe das sentenças existenciais do português do Brasil**. 1999. 292 f. Tese (Doutorado em Lingüística) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- WEINREICH, Uriel. **Languages in contact: findings and problems**. New York: Mouton Publishers, 1968.

